



## ORAÇÃO, LINGUAGEM E PENSAMENTO: O DESENVOLVIMENTO DA RELIGIOSIDADE INFANTIL

(Prayer, language and thought: the development of child's religiosity)

**Vanessa Meira**

Mestranda em Teologia pela Escola Superior de Teologia - São Leopoldo/RS

E-mail: [vanessarmeira@gmail.com](mailto:vanessarmeira@gmail.com)

### RESUMO

Este artigo fará uma reflexão sobre a prática da oração durante a infância e a relação entre essa prática e o desenvolvimento infantil. Através de pesquisa bibliográfica, serão analisados, brevemente, os conceitos a respeito do desenvolvimento infantil e da oração como expressão da religiosidade infantil, numa perspectiva cristã. O artigo revelará como o ato de orar pode ser considerado uma prática natural na infância, benéfica a processos como o de aquisição da linguagem e o desenvolvimento da fé. Essa discussão tem algumas interseções com a "teologia narrativa" e a "teologia da criança", conceitos que têm atraído crescente interesse da pesquisa teológico-pedagógica.

**Palavras-chave:** Oração; Religiosidade infantil; Desenvolvimento infantil; Teologia das crianças; Teologia narrativa.

### ABSTRACT

This article will reflect on the practice of prayer during childhood and the relationship between this practice and child development. Through bibliographic review, the concepts about child development and prayer life as an expression of infant religiosity are briefly analyzed, from a Christian perspective. This article will reveal how the act of praying can be considered a natural practice in childhood, and beneficial to the processes like language acquisition and faith development. This discussion has some intersections with "narrative theology" and the "theology of the child", concepts that have attracted growing interest of theological and pedagogical researches.

**Keywords:** Prayer; Children's religiousness; Child development; Child theology; Narrative theology.

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa analisará os desenvolvimentos da linguagem e da fé, que passam por mecanismos semelhantes e interligados. O pensamento de Vygotsky e Piaget norteiam a parte inicial deste artigo, quando falamos da construção da linguagem e do pensamento mediadas pelas relações interpessoais.

Vygotsky converge com outros autores num ponto: a importância do relacionamento do



sujeito com *o outro*. Ainda que cada sujeito tenha suas particularidades, suas singularidades, tudo isso é construído a partir do relacionamento com o *outro*. James Fowler, com sua teoria do desenvolvimento da fé, também concorda com a importância das relações interpessoais, trazendo em sua teoria sobre o desenvolvimento espiritual a figura do *outro significativo*.

Assim, o *outro* se torna um guia para a criança, e, por meio dele, ela desenvolve linguagem e pensamento, condições necessárias para a reflexão e inteligência. A criança toma o *outro* como condição primária de definição em várias áreas de seu desenvolvimento. No entanto, não apenas o *outro*: desenvolvendo sua linguagem e entendimento, ela se torna capaz de deliberar *consigo mesma* antes da tomada de decisão, ou seja, em algum momento o comportamento infantil não é apenas reflexo do que ela aprendeu ou mera imitação, como também um caminho rumo à autonomia.

Este artigo tentará evidenciar que, como a linguagem, a religiosidade também se constrói a partir do *outro*, e que o desenvolvimento da fé também é mediado pela linguagem, pois a linguagem é uma forma de expressão da religiosidade. E o exemplo da expressão da religiosidade através da linguagem e no encontro com o *outro* é a oração. Segundo a teoria dos *estágios da fé*, de Fowler, o *outro significativo* pode ser Deus, com quem se fala através da oração. O encontro, a interação com Deus através da oração pode ser fundamental para o desenvolvimento do indivíduo.

## 1. O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM – O DISCURSO EGOCÊNTRICO

O desenvolvimento infantil é surpreendente, especialmente nas fases que Piaget nomeia de *sensorio-motor e pré-operatório*. Piaget usa a expressão "a passagem do caos ao cosmo"<sup>1</sup> para definir os primeiros dois anos do desenvolvimento da criança, quando ela finalmente compreende e começa a pensar sobre a realidade que a cerca. Em quatro anos de vida, uma criança desenvolve sua capacidade de comunicação.

No livro *A Linguagem e o Pensamento da Criança*,<sup>2</sup> Piaget questiona os motivos que levam a criança a falar e a perguntar tanto, e quais necessidades a criança está satisfazendo quando fala. Certamente, responderíamos rapidamente que a função da fala é a comunicação de pensamentos. Porém, a criança também fala *sozinha*, bem como adultos. Murmuramos e passamos muito tempo do nosso dia conversando conosco mesmos, internamente.

Piaget, então, desenvolveu uma pesquisa a esse respeito no *Instituto Jean-Jacques Rousseau*, em Genebra. Ao observar crianças durante seus momentos de interação, concluiu que elas, ao falar em voz alta, não estavam falando com ninguém objetivamente. Elas estavam pensando alto, elaborando pensamentos, conversando consigo mesmas. Aqui já está uma interface

<sup>1</sup> COLE, Michael; COLE, Sheila R. *O desenvolvimento da criança e do adolescente*. Porto Alegre: Artmed, 2003. p. 110.

<sup>2</sup> PIAGET, Jean. *O pensamento e a linguagem na criança*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.



inicial entre o desenvolvimento da linguagem e a oração (que, aparentemente, é um *falar sozinho*, já que o interlocutor divino não é perceptível aos sentidos).

A linguagem é mais que uma ferramenta de contato entre seres humanos. É a partir dela que outras áreas do desenvolvimento se consolidam e que o indivíduo se posiciona frente ao outro, revelando-se ou escondendo-se. Vygotsky, fortemente influenciado pelo discurso marxista do processo histórico, desenvolveu sua teoria sobre as funções psicológicas superiores, confirmando a ligação entre linguagem e pensamento.<sup>3</sup> Ele compreendeu que o pensamento não é formado com autonomia e independência, mas sob a mediação dos signos e dos instrumentos culturais que se apresentam histórica e socialmente disponíveis.<sup>4</sup>

O modelo de aprendizado descrito na teoria de Vygotsky representou um grande avanço para a pedagogia, especialmente sua teoria de *Zona de Desenvolvimento Proximal* (daqui em diante, ZDP), na qual observa que existem atividades que a criança pode realizar sem a influência de outras pessoas, por corresponderem a conceitos que já foram processados e internalizados pelo indivíduo. A isso, ele chama de *nível de desenvolvimento real*, o contrário do *nível de desenvolvimento potencial*, que é aquilo que o indivíduo pode realizar com o auxílio de outras pessoas. Assim, todo aprendizado, antes de se tornar algo intrassubjetivo (que está dentro do sujeito), é uma experiência intersubjetiva (que aconteceu entre as pessoas). Isso mostra a importância das relações que a criança estabelece com as outras pessoas.<sup>5</sup>

Para aumentar o nível de aprendizagem, Vygotsky sugere que, mais que *agir* sobre o meio, o indivíduo necessita *interagir*. Segundo essa teoria, o indivíduo adquire seus conhecimentos a partir de relações interpessoais e, por isso, a teoria é chamada de *interacionista*. As trocas com o coletivo impregnam as características e atitudes individuais e é justamente nessa *negociação* que o conhecimento é construído e solidificado. Tudo isso acontece através da língua, da linguagem, dos símbolos, sendo que a linguagem faz a mediação entre o sujeito e a cultura. Portanto, Vygotsky acredita que, ainda que uma criança tenha o potencial biológico de se desenvolver, se ela não interagir com o meio e com o outro não se desenvolverá plena e adequadamente.

Em síntese, a atividade da criança se dá com a realização de suas conexões com os seres humanos através das coisas, e conexões com as coisas através dos seres humanos. Em Vygotski, podemos ver que a função primordial e principal da linguagem é, de fato, comunicar,<sup>6</sup> é um meio de partilha social absolutamente necessário para a troca e a interação.

<sup>3</sup> LOPES, Karina Rizek; MENDES, Roseana Pereira; FARIA, Vitória Líbia Barreto de (orgs.). *Coleção Pro-Infantil*. Módulo II, Unidade 4. Brasília: MEC. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação a Distância, 2005. p. 26. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/9792134-Presidencia-da-republica-ministerio-da-educacao-secretaria-de-educacao-a-distancia.html>>. Acesso em: 12 jun. 2016.

<sup>4</sup> OLIVEIRA, Marta Khol de. *Vygotsky, aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico*. São Paulo: Scipione, 1997. p. 33.

<sup>5</sup> LOPES; MENDES; FARIA, 2005, p. 25.

<sup>6</sup> VYGOTSKI, Lev. *Pensamento e linguagem*. Vila Nova de Gaia: Estratégias Criativas, 2001. p. 26.



Como, contudo, observou Piaget em sua pesquisa, não usamos apenas o *discurso socializado*. A criança nessa fase faz uso frequente daquilo que Piaget chamou de *discurso egocêntrico*.

A pesquisa de Piaget se concentrou em crianças entre quatro e seis anos, porém pode-se observar esse fenômeno em todas as idades. A necessidade de expressar seus pensamentos e anseios, e assim ir construindo caminhos, encontrando possibilidades, é totalmente humana. Em última instância, esse *falar sozinho* é um falar consigo mesmo, ou com potenciais interlocutores. São “conversas” que poderiam acontecer com pessoas reais.

Podemos notar isso nas atuais redes sociais da *internet*, nas quais as pessoas passam o dia expressando pensamentos e declarando opiniões, muitas vezes sem retorno algum, como se fosse um aglomerado de pessoas em um ambiente, cada uma falando sobre um assunto, ninguém se ouvindo, com uma interação bem limitada, porém com a esperança de que sua fala tenha um longo alcance. A maioria dos que usam as redes sociais sabe bem disso, contudo continua ali, comunicando e se expressando como se estivesse buscando satisfazer alguma necessidade, exatamente como as crianças que Piaget observou em sua experiência:

Ela [a criança] fala, seja a si mesma, seja pelo prazer de associar qualquer uma à sua ação imediata. Esta linguagem é egocêntrica, em primeiro lugar porque a criança não fala a não ser de si mesma, e, em segundo lugar, porque não procura colocar-se no ponto de vista do interlocutor. O interlocutor é o primeiro que aparece. A criança só lhe pede um interesse aparente, embora tenha a ilusão, evidentemente de ser ouvida e compreendida. [...] Ela não sente a necessidade de agir sobre o interlocutor, de lhe dizer realmente alguma coisa: é quase como a conversa de certos salões, onde todos falam de si e ninguém escuta.<sup>7</sup>

Assim, a prática da oração solitária, individual, pode ser algo perfeitamente natural à criança, e até mesmo útil em seu processo de desenvolvimento, ainda que ela não tenha total compreensão dos significados religiosos de tal exercício. Ela não compreende ainda porque, em muitos momentos do desenvolvimento infantil, se vale da imitação, inclusive no desenvolvimento de sua espiritualidade. Repetir gestos e palavras de adultos é uma das formas utilizadas pela criança para construir as primeiras compreensões da realidade que a cerca,<sup>8</sup> o que vale para a linguagem e para a espiritualidade. A criança que cresce em um contexto religioso, cercada de tradições, leituras e orações, a princípio apenas reflete como espelho, imitando gestos e falas. No entanto, em algum momento ela desperta para o significado das palavras que repetiu, do gesto usado em determinado momento, e para as respostas, muitas vezes automatizadas. Como se dá, no entanto, esse despertar?

<sup>7</sup> PIAGET, 1999, p. 8.

<sup>8</sup> WALLON, Henri. *Psicologia e educação da infância*. Lisboa: Estampa. 1975. p. 249. Sobre o papel da imitação no desenvolvimento infantil, ver MATWIJSZYN, Marise. *A imitação no desenvolvimento infantil e suas implicações para a educação segundo as concepções antroposófica e walloniana*. Dissertação (Mestrado). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2003. Disponível em: <<http://www.liber.ufpe.br/teses/arquivo/20040315150206.pdf>>. Acesso em: 17 abr 2016.



## 2. O DESPERTAR DA FÉ INFANTIL E O PAPEL DO OUTRO

Apesar de o discurso egocêntrico ser uma das características do desenvolvimento infantil, vimos que o processo de desenvolvimento se dá na relação (e através da mediação) de outras pessoas. Assim como ocorre no desenvolvimento da linguagem, o desenvolvimento da espiritualidade também passa por fases comunitárias, caracterizadas pelas interações e pela imitação, rumo a uma experiência mais autônoma.

Uma narrativa bíblica ilustra isso: a experiência de Abraão e Isaque (Gn 21 a 22). Deus prometera um filho a Abraão e Sara, e, como um milagre, nasceu Isaque, que por ter sido longamente aguardado, certamente era um filho muito amado. Isaque foi criado conforme a orientação religiosa de seu pai. Apesar de anteceder a nação israelita, a prática da religião de Abraão certamente já apresentava algumas semelhanças com a de seus ascendentes: uma religião familiar, cujos valores eram transmitidos oralmente, de pais para filhos. Crescer num lar assim significava ser aprendiz de culto. Em casa a criança recebia toda a instrução sobre a celebração e de como tomar parte nas cerimônias religiosas, aprendia sobre Deus e sobre a história de seu povo. Tudo isso se tornou orientação divina:

Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor. Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força. Que todas estas palavras que hoje lhe ordeno estejam em seu coração. Ensine-as com persistência a seus filhos. Converse sobre elas quando estiver sentado em casa quando estiver andando pelo caminho, quando se deitar e quando se levantar. Amarre-as como um sinal nos braços e prenda-as na testa. Escreva-as nos batentes das portas de sua casa e em seus portões (Dt 6.4-9).

Provavelmente, Isaque imitava a seu pai nas celebrações, quando tudo aquilo ainda não lhe fazia total sentido. Como criança, Isaque passou por todas as fases do desenvolvimento humano, inclusive o desenvolvimento gradual da fé. Quando Deus pediu a Abraão que sacrificasse Isaque, implicitamente há a descrição de um processo de amadurecimento de Isaque. Segundo a narrativa bíblica, Abraão havia ouvido a voz de Deus, mas Isaque não. Deus não disse nada a Isaque. E no momento do sacrifício, pai e filho foram resignados e obedientes: Abraão obediente e fiel a Deus, e Isaque obediente e fiel a seu pai, confiando na experiência religiosa do pai.

Essa narrativa bíblica é surpreendente por vários fatores. Fala de fé, de fidelidade, e mostra um filho (a Bíblia não declara a sua idade) envolvido num processo religioso, numa prova de lealdade, ainda escorado na espiritualidade de seu pai. No período do desenvolvimento da fé em que o indivíduo vivencia a religião de modo grupal, definida pela família e pela comunidade de fé, o indivíduo apenas repete o discurso religioso e o estilo de vida de pessoas que são/foram significativas para ele. Segundo Fowler, o indivíduo procura *espelhos*, pessoas que funcionam como *outros significativos*, influenciando-o nesse processo de



amadurecimento.<sup>9</sup> Abraão foi o *outro significativo* para Isaque.

Para esta pesquisa, é importante destacar que, segundo Fowler, até Deus pode servir como *outro significativo*.<sup>10</sup> É através de um *outro significativo* que o indivíduo amadurece, pois suas ações são consideradas corretas se estão de acordo com as expectativas dos *outros significativos*, e o indivíduo não quer desapontar as opiniões dessas pessoas.<sup>11</sup>

No *estágio 3* de desenvolvimento da teoria de Fowler, Deus é visto como companheiro, amigo pessoal que está sempre pronto a dar sua orientação e apoio. Como, numa perspectiva cristã, esse relacionamento com Deus passa pela prática da oração, é importante que a criança passe por experiências adequadas e saudáveis de oração. A fim de que Deus seja o *outro significativo* no desenvolvimento da fé, a oração não deve ser reduzida a práticas formais, impessoais e padronizadas.

O desfecho da história mostra que Deus se manifestou a Isaque, pois ele viu a interferência divina e o aparecimento do animal que o substituiu no sacrifício. Isaque teve uma experiência de primeira mão, um livramento vindo do céu. O brado do “Anjo do Senhor” possivelmente foi ouvido também por Isaque (Gn 22:11 e 15), e esse foi um momento decisivo em sua vida, o início de um novo estágio de sua espiritualidade, um marco na sua experiência pessoal com o transcendente.

Fowler afirma que “todos nós começamos a peregrinação da fé quando bebês”,<sup>12</sup> e a oração é, sem dúvida, um marco na espiritualidade. Enquanto a criança está ouvindo narrativas que falam de Deus e absorvendo preceitos, ela constrói uma imagem do Criador e nutre admiração por ele, o que vai gerar em algum momento, o desejo de falar com ele (o *outro significativo*).

Até quatro anos, geralmente a criança “observa a atitude de fé dos pais e demais pessoas, educadores, grava-as, imita-as, embora inconscientemente”.<sup>13</sup> E isso inclui o hábito de falar com Deus. Embora seja um *sujeito de cultura*, é também naturalmente dada à metafísica. Ela aprende a ser religiosa por imitação, pois a “fé viva de professores e pais irradia sobre a criança”,<sup>14</sup> mas também existe uma inclinação natural da criança em busca de sua própria espiritualidade.

Como observou Batista, a criança concebe Deus de maneira antropomórfica, ou seja, como figura humana,<sup>15</sup> e, a partir disso, o desenha e alimenta uma imagem mental para amar e apreciar. E, nos desenhos infantis, o “mais importante não é o desenho em si, nem as características (divinas) reveladas, mas é o que a criança expressa sobre Deus – o que ela sabe

<sup>9</sup> FOWLER, James W. *Estágios da fé: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido*. São Leopoldo: Sinodal, 1992. p. 130.

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. 131-132.

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 71.

<sup>12</sup> FOWLER, 1992, p. 105.

<sup>13</sup> BATISTA, Terezinha. *Evolução da fé na criança*. São Paulo: Paulinas, 1974. p. 28.

<sup>14</sup> *Ibidem*, p. 44.

<sup>15</sup> *Ibidem*, p. 33.



sobre Deus e seus sentimentos sobre Deus”.<sup>16</sup> Em seus desenhos, as crianças sempre expressarão suas noções sobre o divino, retratarão seu ambiente familiar e simbolizarão as pessoas ligadas a seu mundo infantil, pois tudo isso é expressão de Deus para a criança. Assim, Deus sempre é visto pela criança como alguém com quem se pode falar, como uma pessoa com características da comunidade e também com características metafísicas.

Enquanto somos crianças, não importa muito o significado exato das palavras, e sim quais sentimentos aquela palavra desperta em nós. Naturalmente, a palavra *fé* é muito usada num contexto religioso, e assim que a criança tem contato com *algo* (a fé) que pode ser grande (como a fé dos profetas) ou ainda pequena como uma semente de mostarda (como a criança imagina que seja a sua própria fé), imediatamente incorpora isso em seu vocabulário, e assim também começa a sua jornada em busca da definição de fé. Essa busca é humana, “procuramos algo para amar e que nos ame, algo para valorizar e que nos dê valor, algo para honrar e respeitar e que tenha o poder de sustentar nosso ser”.<sup>17</sup>

De acordo com Fowler:

Fé não é sempre religiosa em seu conteúdo ou contexto. [...] A fé é o modo em que uma pessoa ou um grupo penetra no campo de força da vida. É o nosso modo de achar coerência nas múltiplas forças e relações que constituem a nossa vida e de dar sentido a elas. A fé é o modo pelo qual uma pessoa vê a si mesma em relação aos outros, sobre um pano de fundo de significados e propósitos compartilhados.<sup>18</sup>

Assim, no momento em que a criança deixa brotar sua espiritualidade, ela também começa a tentar enxergar a si mesma com suas particularidades, encontrando os caminhos da *gentitude*, com sua disposição para ler o mundo. Descortinar o pano de fundo em que se está inserido, olhar para si em relação ao outro e desenvolver a fé em algo intangível são atitudes conjuntas, e esta última é extremamente necessária para que se tenha uma relação saudável com as outras duas.

Como a linguagem, a fé não é algo que se processa em apenas uma área isolada da vida humana, conforme Tillich:

Ela (a fé) se realiza no centro da vida pessoal e todos os elementos desta, dela participam. Fé é o ato mais íntimo e global do espírito humano. Ela não é um processo que se dá numa sessão parcial da pessoa, nem uma função especial da vivência humana. Todas as funções do homem estão conjugadas no ato de fé. A fé, no entanto, não é apenas a soma das funções individuais. Ela ultrapassa cada uma das áreas da vida humana ao mesmo tempo em que se faz sentir em cada uma delas.<sup>19</sup>

<sup>16</sup> *Ibidem*, p. 30.

<sup>17</sup> FOWLER, 1992, p. 17.

<sup>18</sup> *Ibidem*, p. 15.

<sup>19</sup> TILLICH, Paul. *Dinâmica da fé*. São Leopoldo: Sinodal, 1974. p. 7-8.



A fé está ligada à “busca por segurança em alguém ou em algo que é considerado o centro da vida humana.”<sup>20</sup> Essa busca é pelo centro da vida do ser humano, de forma individual e também o centro da convivência comunitária. A criança, a partir do momento em que se enxerga como indivíduo e como parte do coletivo, enfrenta sua primeira crise normativa. Essas crises são necessárias para a formação da identidade e enfrentá-las é também avançar no desenvolvimento espiritual, fortalecendo a confiança em si mesma, no outro e no transcendente. O enfrentamento das várias fases e dos diversos estágios da vida pessoal, em um ambiente que oportunize o fortalecimento da fé é muito importante:

A religião possui profunda relação com a confiança, sendo a mais antiga e duradoura instituição a serviço desse sentimento. Quando a criança encontra um ambiente propício para o seu desenvolvimento como pessoa, ela sairá desse estágio com esperança, que é um aspecto indispensável para uma fé saudável.<sup>21</sup>

Em família ou em comunidade, a questão não é “Como explicar Deus às crianças?” porque “Deus não pode ser explicado e nem demonstrado. Deus invade nossa vida, o nosso modo de olhar o mundo, a nossa ideia de Deus se comunica por contágio.”<sup>22</sup> O que pode ser feito é criar um ambiente em que se tenha a oportunidade de vivenciar e experimentar o sagrado no cotidiano, o que passa necessariamente pelo hábito de conversar com Deus.

Uma criança que cresce em um lar cujo contexto é religioso aprende a imitar e refletir muitas coisas, pois “nossa fé adulta está diretamente vinculada à vivência e à convivência no mundo infantil. A fé é cultivada nas relações que travamos desde que nascemos”.<sup>23</sup> E assim como Isaíque, a criança em algum momento desperta para o transcendente por si própria. A criança pode olhar para o céu numa noite estrelada e tentar compreender de onde vem a energia que ela está sentindo, ou se questionar onde está o trono de Deus, ou tentar compreender o que é aquele calor no coração quando entoa algumas canções.

No livro *O potencial religioso da criança*, Cavalletti cita experiências relatadas por Maria Montessori num congresso de pedagogia em Bruxelas (1911). Ela fala sobre uma criança que não tinha nenhuma educação religiosa, e que um dia começou a chorar (tomada pela lembrança de alguma má ação), e dizer: “Não me castiguem: enquanto estava olhando a lua percebi o desgosto que causei a vocês e entendi que ofendi a Deus!”<sup>24</sup>

O curioso é que não era uma criança com uma bagagem religiosa, mas isso não a impediu de viver uma experiência *sobrenatural*: “trata-se de momentos fugazes, semelhantes a um clarão que ilumina vivamente e em seguida se apaga; todavia eles nos fazem perceber, de alguma

<sup>20</sup> PAULA, Blanches de. A criança e a fé. In: FASSONI, Kênia; DIAS, Lissânder; PEREIRA, Welinton (orgs.). *Uma criança os guiará: por uma teologia da criança*. Viçosa: Ultimato, 2010. p. 202.

<sup>21</sup> *Ibidem*, p. 204.

<sup>22</sup> ZATTONI, Mariateresa; GILLINI, Gilberto. *Deus faz bem às crianças: a transmissão da fé às novas gerações*. São Paulo: Loyola, 2010. p. 45.

<sup>23</sup> PAULA, 2010, p. 201.

<sup>24</sup> CAVALLETTI, Sônia. *O potencial religioso da criança: descrição de uma experiência com crianças de 3 a 6 anos*. São Paulo: Loyola, 1985. p. 24.



forma, uma realidade misteriosa presente na criança”.<sup>25</sup> Aquela criança, naquele momento, estava sentindo a presença do sagrado em si mesma, por meio da contemplação do firmamento. Como escreveu Rubem Alves, “o sagrado e a verdade não habitam as instituições, mas invadem nosso mundo através da consciência”.<sup>26</sup>

Fowler mostra que, entre dois e sete anos de idade, a criança se encontra no estágio de *fé intuitiva e projetiva*, fase em que ela ainda usa a intuição para entender a Deus, seus sentidos estão abertos a experiências sobrenaturais, sente e crê na realidade das suas emoções. É uma fase “fantasiosa e imitativa na qual a criança pode ser influenciada de modo poderoso e permanente por exemplos, temperamentos, ações e estórias da fé visível dos adultos com as quais ela mantém relacionamentos primários”.<sup>27</sup>

Por intermédio da linguagem, a criança começa então a construir sua fé e a fazer teologia. A “teologia das crianças” é um movimento mundial, ainda novo na América Latina, que critica o “adultocentrismo” das instituições eclesiais, e busca pensar na criança como protagonista do fazer teológico da comunidade cristã.<sup>28</sup> De acordo com Ariovaldo Ramos, a partir do momento em que a criança começa a processar em sua mente o que ela tem aprendido sobre Deus, ela está fazendo teologia.<sup>29</sup> Ela questiona, constrói seu pensamento e percebe que além de falar a *respeito de Deus*, ela pode falar *com Ele*. Nesse momento entra a prática da oração, como forma de satisfazer a necessidade de verbalizar seus sentimentos, e como condutor e mantenedor da fé infantil.

### 3. A ORAÇÃO INFANTIL E O DESENVOLVIMENTO NATURAL DA FÉ

A criança tem uma capacidade inata de lidar com o intangível, ela “parece ser capaz de ver o invisível, quase como se fosse mais tangível e real do que a realidade imediata”.<sup>30</sup> O próprio Jesus, referindo-se às pessoas humildes e simples, disse: “Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas dos sábios e cultos e as revelaste aos pequeninos” (Mt 11:25). As crianças conseguem ver com olhos da fé a onipotência de Deus e a grandeza do sobrenatural. Um dos grandes trunfos da criança talvez seja a fantasia. Na fase intuitivo-projetiva, segundo Fowler, a criança une realidade, fantasia e sentimento<sup>31</sup> e essa junção abre as portas místicas e possibilita à criança usar de toda a sua sensibilidade para falar com Deus.

<sup>25</sup> *Ibidem*, p. 29.

<sup>26</sup> ALVES, Rubem. *Dogmatismo e tolerância*. São Paulo: Paulinas, 1982. p. 14.

<sup>27</sup> FOWLER, 1992, p. 116.

<sup>28</sup> Para mais informações, ver FASSONI; DIAS; PEREIRA, 2010, e também SEGURA, Harold; PEREIRA, Welinton (orgs.). *Para falar de criança: teologia, bíblia e pastoral para a infância*. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2012.

<sup>29</sup> RAMOS, Ariovaldo. A melhor parte da vida humana. In: FASSONI; DIAS; PEREIRA, 2010, p. 77.

<sup>30</sup> CAVALLETTI, 1985, p. 36.

<sup>31</sup> FOWLER, 1992, p. 113.



A fantasia também ajuda a criança, em diversas fases do desenvolvimento, a trabalhar questões distintas e, inclusive, a reconhecer seus próprios sentimentos. Ela transporta seus problemas para um mundo mágico e ali encontra soluções mágicas, e também compensa suas fraquezas, transformando-se em personagens imaginários. Com a imagem antropomórfica de Deus, supondo que ele more no céu, mas que também pode estar entre os seres mortais, a criança cria para si uma imagem fantástica de Deus. Nesse ponto, ela quase se une à discussão dos adultos acerca da natureza de Cristo, que é Deus, mas é homem também. Para a criança, não importa como isso é possível, ela apenas crê e fala com ele, ainda que não entenda plenamente a encarnação e por vezes questione isso. Abre o coração e fala com seu amigo que possui superpoderes para solucionar todo e qualquer problema.

Como vimos na experiência de Piaget, a princípio a criança faz uso do *discurso egocêntrico*, e isso se reflete em suas primeiras orações também. As primeiras orações da criança são preces egocêntricas, pois “Deus é considerado como alguém que faz tudo para a criança. Deus está a serviço da criança”.<sup>32</sup> Este egocentrismo é natural até quatro ou cinco anos, quando termina a fase do *finalismo*.

Dessa forma, as primeiras orações da criança são encaradas como um fator mágico, como se Deus fosse uma máquina de realizar pedidos, e a oração, a moedinha para a realização de um desejo ou necessidade. Apenas na fase que Fowler nomeia como *mítico-litera* (a partir dos sete anos), é que a criança possui mais concentração, capacidade de meditação e reflexão, passando a compreender os mecanismos da oração.

Com dissemos anteriormente, uma característica própria da infância é saber lidar com o etéreo, o imaterial. E isso as crianças fazem muito melhor que os adultos; possivelmente, à medida que nos tornamos adultos, perdemos essa capacidade de lidar com o impalpável com tanta naturalidade. Cavalletti afirma que a criança é um ser metafísico,<sup>33</sup> e é por isso que a oração é incluída na vida espiritual da criança de forma natural.

Assim que começam a se expressar, as crianças iniciam relatos constantes e diários de seus experimentos e de suas vivências. Falam, questionam e estão constantemente usando o *pensamento verbal* para organizar suas experiências, sejam elas reais, sejam fruto da fantasia. E como participam de todos os domínios da vida humana, é natural que elas também tomem parte no desenvolvimento da fé.

Cloyd declara sobre a espiritualidade infantil:

[...] as crianças experimentam o contato com Deus. Se não fosse assim, não haveria a possibilidade de a criança ter uma comunicação e um relacionamento permanentes e abertos com Deus. Ela pode é não ser capaz de articular bem esta experiência, ou poderia, por medo do ridículo, recusar-se a falar sobre isto. [...] Estas experiências

<sup>32</sup> BATISTA, 1974, p. 50.

<sup>33</sup> CAVALLETTI, 1985, p. 37.



são espontâneas, e não acontecem por indução de um adulto.<sup>34</sup>

Quando uma criança ouve sobre Deus, ela também quer falar *sobre* ele. Ela quer compartilhar o que aprendeu. Relatar o aprendizado e suas experiências são formas de organizar o conhecimento adquirido.

E quando descobrem que podem falar *com* Deus, nesse momento há um fortalecimento desse laço sobrenatural, um estreitamento na relação criança-Deus, pois a comunicação permite uma abertura maior, mostrando que esse diálogo nada mais é que a profunda comunhão, uma ligação espiritual. A criança ainda não tenta impressionar a ninguém com suas palavras dirigidas a Deus, e claramente não está fazendo nenhum exercício mental quando ora. Ela apenas o faz como o salmista: "De tarde e de manhã e ao meio dia orarei, clamarei; e Ele ouvirá a minha voz" (Sl 55:17).

A criança não tem nenhum ritual, nem colagens de frases prontas, ela apenas se dirige a Deus e fala com ele, na hora que tem vontade ou sente necessidade. Com a mesma simplicidade íntima, o próprio Jesus falava com seu pai, chamando-o de *Abba*, palavra aramaica tomada do linguajar das crianças, significando algo semelhante a "papai".<sup>35</sup> Jesus falou com Deus como uma criança fala com seu "papai" e ensinou os seus discípulos a fazer o mesmo. É com essa sinceridade e simplicidade que o céu se abre para a criança:

Saber que Deus a ouve é uma importante descoberta da criança, pois "o conceito de oração que as crianças formam quando pequenas, será uma força para orientá-las ao longo de sua jornada de vida espiritual".<sup>36</sup> Assim como no momento da descoberta da força de suas pernas e que estas podem lhe sustentar, a criança ganha confiança e começa a caminhar, o mesmo ocorre quando descobre na oração um importante pilar para a sua fé. De acordo com White, a oração "é tão necessária ao crescimento na graça e, mesmo à própria vida espiritual, como é o alimento ao bem-estar físico".<sup>37</sup>

Discorrendo sobre a oração infantil, Charles Spurgeon (que se preocupava bastante com a religiosidade infantil) incentiva que os adultos expliquem aos pequenos apenas o que é e não como fazer:

Diga-lhe que Deus responde às orações; dirija-o ao Salvador, e então anime o menino a expressar seus desejos em sua própria linguagem quando ele se levanta ou quando vai para o descanso. Reúna os pequenos à sua volta e ouça suas palavras, sugerindo-lhes suas necessidades, e lembrando a eles a promessa graciosa de Deus. Você ficará maravilhado, e, posso acrescentar, às vezes, divertido também; mas também ficará surpreso com as expressões que usarão, as confissões que farão, os desejos que expressarão; e eu estou certo de que qualquer pessoa cristã que possa ouvi-los e escutar a simples oração de uma criancinha pedindo com sinceridade por aquilo que ela pensa querer nunca mais desejaria ensinar a uma criança uma oração

<sup>34</sup> CLOYD, Betty Shannon. *Papai do céu...: ensinando às crianças o valor da oração*. São Paulo: Eclésia, 2000. p. 27.

<sup>35</sup> LADD, George Eldon. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2003. p. 120.

<sup>36</sup> CLOYD, 2000, p. 26.

<sup>37</sup> WHITE, Ellen G. *Mensagens aos Jovens*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004. p. 115.



já formulada, porém, diria que como matéria de educação para o coração a fala improvisada foi infinitamente superior à melhor fórmula, e que se deveria desistir da fórmula para sempre.<sup>38</sup>

## 4. A ORAÇÃO E AS NARRATIVAS BÍBLICAS

Para que seja despertado na criança o desejo de orar, é necessário que Deus esteja nos pensamentos dela de alguma forma. Rubem Alves diz que “o pensar não pode acontecer no vazio”,<sup>39</sup> portanto, é preciso que Deus seja um dos pensamentos dela para que haja reflexão e uma curiosidade mística. Tendo Deus em mente, ouvindo sobre Ele, a criança só precisa saber que ele a ouve para que comece. então, uma vida de oração.

A fim de que a oração não seja um *falar sozinho*, a criança precisa saber mais sobre o interlocutor divino. Por isso, o hábito de ouvir histórias bíblicas e orar não faz violência ao desenvolvimento infantil. Como vimos, pode até mesmo ser favorável a esse processo: “A comunhão com Deus, mediante a oração, desenvolve as faculdades mentais e morais, e as espirituais se robustecem ao cultivarmos pensamentos sobre assuntos espirituais”.<sup>40</sup>

Aqui há uma interseção interessante da “teologia da criança” com a “teologia narrativa”.<sup>41</sup> Com o conhecimento de Deus adquirido através das narrativas, somado à crença de que Deus a está ouvindo, a criança não precisa de uma fórmula. Ela sabe que *Deus fará por ela o que ela mesma não pode fazer*. A criança já tem a imagem de Deus como de um super-herói, conforme White (falando diretamente às crianças):

Então, crianças, pedi a Deus que faça por vós o que vós mesmas não podeis fazer. Contai tudo a Jesus. Abri perante Ele os segredos de vosso coração; pois os Seus olhos perscrutam o mais íntimo recessos da alma, e Ele lê vossos pensamentos como num livro aberto. Quando pedirdes o que for necessário para o bem de vossa alma, crede que o recebereis, e tê-lo-eis.<sup>42</sup>

Se a criança tiver a saudável imagem de Deus como um amigo que a ama e tem a intenção de *lhe dar o necessário para o bem de sua alma*, ela falará com ele naturalmente, com o amor e o

<sup>38</sup> SPURGEON, Charles H. *Pescadores de crianças*. Santo Amaro: Shedd Publicações, 2004. p. 31. Disponível em:

<<http://pabloodavid.byethost17.com/autores/Charles%20Spurgeon/Pescadores%20de%20Crianças.pdf?ckattemp t=1>>. Acesso em 12 fev. 2016.

<sup>39</sup> ALVES, Rubem. *Da Esperança*. Campinas: Papirus Editora. 1987. p. 32

<sup>40</sup> WHITE, Ellen G. *O desejo de todas as nações*. Tatuf: Casa Publicadora Brasileira, 2007. p. 41.

<sup>41</sup> A *Teologia narrativa* é um movimento se desenvolveu, em grande parte, nos Estados Unidos e veio a ter um impacto significativo sobre grande parte da teologia de língua inglesa por volta da década de 1970. Baseia-se na constatação de que a Bíblia não apenas faz declarações doutrinárias, mas também conta histórias sobre Deus. A *Teologia narrativa* dedica atenção especial às narrativas ou histórias relacionadas à teologia cristã. MCGRATH, Alister E. *Teologia Sistemática, histórica e filosófica: uma introdução à teologia cristã*. São Paulo: Shedd, 2010. p. 208.

<sup>42</sup> *Idem*. *The Youth's Instructor*, 7 de Julho de 1892.



respeito que tem pelos adultos que a cercam e que a tratam com carinho e consideração.

## CONCLUSÃO

Neste artigo analisamos a importância da verbalização, a relação do discurso com o desenvolvimento da criança, como a oração está relacionada a isso, e como pode contribuir, tanto para o desenvolvimento cognitivo como (especialmente) para o desenvolvimento da fé. Como ficou evidenciado, o desenvolvimento da criança se dá no encontro, na interação. Por isso, analisamos também como essa relação acontece mais diretamente no processo de desenvolvimento da religiosidade e da fé, usando como base o trabalho de James Fowler.

Em poucas palavras: a oração é uma prática que pode contribuir para o desenvolvimento integral da criança, por fluir naturalmente e por satisfazer necessidades específicas do estágio de desenvolvimento em que a criança está, tanto no aspecto cognitivo quanto no aspecto da espiritualidade.

A oração infantil é um tema que, se devidamente explorado, contribui bastante para o que se chama de “teologia da criança”, uma crescente área de pesquisa acadêmica. É necessário usar a criança como fonte de reflexão teológica, pois a pureza e a sinceridade das crianças deveriam servir de inspiração ao relacionamento dos adultos com Deus. Já foram desenvolvidas muitas técnicas de ensino e muitas teses sobre crianças, mas a necessidade urgente é de usar a criança como a fonte primária de nossas reflexões.<sup>43</sup>

A força e a essência da espiritualidade podem ser encontradas na criança: a capacidade de perdoar facilmente, de pedir ajuda, de chorar ao sentir dor, de correr atrás da mãe ao levar um tombo, de reconhecer seu medo, de confessar que não entende. O que durante séculos tem sido entendido como *fraqueza* deve ser resgatado e compreendido. Se encaradas como fonte primária de reflexão teológica, as crianças podem ensinar sobre oração, e não apenas aprender, dando um novo frescor à teologia.

Antes de ter seu hábito de oração adestrado pelos adultos, a criança entende que não precisa de muita coisa para se aproximar de Deus. Assim como ela conversa com seus pais e amigos próximos sempre que sente vontade, o mesmo ocorre quando descobre que Deus a ouve. Ela não espera uma ocasião especial ou uma necessidade para se aproximar dele e iniciar o diálogo. A criança também entende que não existe um lugar nem horário específicos de oração. E age assim com Deus, mantém-se sempre próxima a ele, falando *a respeito* dele e falando *com* ele.

Talvez para um adulto que criou o hábito de orar em horários previamente marcados, com orações decoradas e tradicionais, o costume de oração muitas vezes pode se tornar enfadonho, mas quando envolvemos crianças, o que é rotineiro e costumeiro ganha novo brilho. Mostrar a elas o que é oração sem lhes dizer como deve ser feito é uma grande oportunidade para os adultos de aprender mais sobre a interação dos homens com o transcendente. Ao perceber a

---

<sup>43</sup> RAMOS, 2010, p. 78.



oração como prática natural infantil, a “teologia da criança” diminui o risco de ser mais um pacote teológico de respostas prontas, falando mais e escutando menos, mas continua saudavelmente como uma teologia da escuta, da humildade, do “não sei tudo”.

## BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Rubem. *Dogmatismo e tolerância*. São Paulo: Paulinas, 1982.
- BATISTA, Terezinha. *Evolução da fé na criança*. São Paulo: Paulinas, 1974.
- CAVALLETTI, Sônia. *O potencial religioso da criança: descrição de uma experiência com crianças de 3 a 6 anos*. São Paulo: Loyola, 1985.
- CLOYD, Betty Shannon. *Papai do céu...: ensinando às crianças o valor da oração*. São Paulo: Eclésia, 2000.
- COLE, Michael; COLE, Sheila R. *O desenvolvimento da criança e do adolescente*. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- FOWLER, James W. *Estágios da fé: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido*. São Leopoldo: Sinodal, 1992.
- LADD, George Eldon. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2003.
- LOPES, Karina Rizek; MENDES, Roseana Pereira; FARIA, Vitória Líbia Barreto de (orgs.). *Coleção ProInfantil*. Módulo II, Unidade 4. Brasília: MEC. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação a Distância, 2005. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/9792134-Presidencia-da-republica-ministerio-da-educacao-secretaria-de-educacao-a-distancia.html>>. Acesso em: 12 jun. 2016.
- MCGRATH, Alister E. *Teologia Sistemática, histórica e filosófica: uma introdução à teologia cristã*. São Paulo: Shedd, 2010.
- MATWIJSZYN, Marise. *A imitação no desenvolvimento infantil e suas implicações para a educação segundo as concepções antroposófica e walloniana*. Dissertação (Mestrado). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2003. Disponível em: <<http://www.liber.ufpe.br/teses/arquivo/20040315150206.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2016.
- OLIVEIRA, Marta Khol de. *Vygotsky, aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico*. São Paulo: Scipione, 1997.
- PAULA, Blanches de. A criança e a fé. In: FASSONI, Kênia; DIAS, Lissânder; PEREIRA, Welinton (orgs.). *Uma criança os guiará: por uma teologia da criança*. Viçosa: Ultimato, 2010. p. 201-209.
- PIAGET, Jean. *O pensamento e a linguagem na criança*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- RAMOS, Ariovaldo. A melhor parte da vida humana. In: FASSONI, Kênia; DIAS, Lissânder; PEREIRA, Welinton (orgs.). *Uma criança os guiará: por uma teologia da criança*. Viçosa: Ultimato, 2010. p.77-83.
- SEGURA, Harold; PEREIRA, Welinton (orgs.). *Para falar de criança: teologia, bíblia e pastoral para a infância*. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2012.
- SPURGEON, Charles H. *Pescadores de crianças*. Santo Amaro: Shedd Publicações, 2004. Disponível em: <<http://pabloodavid.byethost17.com/autores/Charles%20Spurgeon/Pescadores%20de%20Cria>>



**Revista Eletrônica Espaço Teológico ISSN 2177-952X. Vol. 10, n. 18, jul/dez, 2016,  
p. 233-247**

nsas.pdf?ckattempt=1>. Acesso em 12 fev. 2016.

TILLICH, Paul. *Dinâmica da fé*. São Leopoldo: Sinodal, 1974.

VYGOTSKI, Lev. *Pensamento e linguagem*. Vila Nova de Gaia: Estratégias Criativas, 2001.

WALLON, Henri. *Psicologia e educação da infância*. Lisboa: Estampa. 1975.

WHITE, Ellen G. *Mensagens aos Jovens*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

\_\_\_\_\_. *O desejado de todas as nações*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

\_\_\_\_\_. *The Youth's Instructor*, 7 de Julho de 1892.

ZATTONI, Mariateresa; GILLINI, Gilberto. *Deus faz bem às crianças: a transmissão da fé às novas gerações*. São Paulo: Loyola, 2010.

Recebido em: 23/08/2016

Aprovado em: 11/10/2016